



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Questões Agrária, Urbana, Ambiental e Serviço Social.

Sub-Eixo: Ênfase em Questão Urbana.

A ORIGEM DO JARDIM BATAN: ENTRE A BUSCA POR UM LUGAR “MELHOR” E “MAIS TRANQUILO” E A LUTA POR MORADIA

Henrique Mendes dos Santos¹

Isabele Viana Marques²

Roberta Batista Vieira da Silva³

Tatiane Vidal da Silva⁴

Sara Parente Alves⁵

RESUMO: Este trabalho é fruto da experiência de professores e alunas do curso de Serviço Social da Universidade Castelo Branco (UCB-RJ) junto aos moradores da Favela Jardim Batan, situada no bairro de Realengo na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Nosso intuito com esta publicação é o de apresentar o processo de criação desse território levando em consideração as falas dos seus moradores mais antigos, para isso foram ouvidas dez pessoas através da metodologia denominada História Oral. É importante salientar que esta pesquisa contou com o suporte da Associação de Moradores do Jardim Batan, cujo apoio ocorreu no sentido de cessão do espaço físico e auxílio na identificação das fontes da entrevista.

Palavras-chave: Favela; Território; Espaço.

ABSTRATC: This work is the result of the experience of professors and students of the Social Work course at Castelo Branco University (UCB-RJ), together with Favela Jardim Batan residents, located in the Realengo neighborhood in the West Zone of Rio de Janeiro. Our intention with this publication is to present the process of creation of this territory considering the speeches of its oldest residents, for that ten people were heard through the methodology called Oral History. It is important to point out that this research was supported by the Association of Residents of Jardim Batan, whose support occurred in the sense of assigning the physical space and assistance in identifying the sources of the interview.

Keywords: Favela; Territory; Space.

I. INTRODUÇÃO

A favela do Jardim Batan está situada na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente no bairro de Realengo. Localizada às margens da Avenida Brasil, conta com aproximadamente 24 mil habitantes, segundo estudos do Instituto Pereira Passos. Esta localidade está situada em um terreno plano, cujas ruas são de fácil identificação, havendo, portanto, ampla circulação de pessoas e de automóveis; o transporte público é feito principalmente por vans e moto-táxis. Verifica-se também a existência de ampla rede de

¹ Professor com formação em Serviço Social. Universidade Castelo Branco. E-mail: <henriquedj@hotmail.com>.

² Estudante de Graduação. Universidade Castelo Branco. E-mail: <henriquedj@hotmail.com>.

³ Estudante de Graduação. Universidade Castelo Branco. E-mail: <henriquedj@hotmail.com>.

⁴ Profissional do Serviço Social. Universidade Castelo Branco. E-mail: <henriquedj@hotmail.com>.

⁵ Profissional do Serviço Social. Universidade Castelo Branco. E-mail: <henriquedj@hotmail.com>.

comércio e de habitações com poucos andares. Mas por que a escolha do Jardim Batan especificamente como lócus de pesquisa? A escolha não é fruto do acaso, ela é decorrente da inserção da Universidade Castelo Branco nessa favela no ano de 2017, através de uma série de atividades promovidas pela Extensão desta Instituição de Ensino em um projeto denominado UCB-Favela. A partir das atividades desenvolvidas, surgiu a ideia de resgatar a história do local levando em conta o seu processo de formação, todavia, mais do que este registro, nossa pesquisa tinha como intuito dar voz aos seus moradores, favorecendo a interação Universidade–Favela.

Importante citar que sem o auxílio da Associação de Moradores do Jardim Batan, não conseguiríamos obter êxito em nossas ações, uma vez que seus membros foram “os nossos olhos” dentro dessa localidade. A partir do empenho de todos, fomos conduzidos às pessoas que vivem no local há muito tempo, alguns há quase 70 anos. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados da pesquisa realizada no Jardim Batan no segundo semestre do ano de 2018, cujo objetivo foi o de identificar o processo de criação desta favela. Esta ação envolveu um professor auxiliar da Universidade pertencente ao curso de Serviço Social e cinco discentes deste mesmo curso.

II. DESENVOLVIMENTO

Algumas considerações sobre a Favela: mito fundador e estigma

Quando falamos em favela, muitas ideias e características acabam por vir à tona: lugar da informalidade, violência, festa, moradias irregulares, ausência do Estado, apenas para citar algumas palavras que acabam por povoar o imaginário social. É comum ainda hoje a expressão da ideia de favela enquanto algo que está fora da ordem, apartado da cidade, como se fosse um lugar longínquo e sem ramificações com o território que ocupa.

Falar de favela, porém, requer uma análise mais apurada que deve começar por desconsiderar qualquer tipo de compreensão homogênea desses espaços. Portanto, ao invés de falar de “favela” seria mais justo falar de “favelas”, uma vez que cada espaço habitado trará consigo peculiaridades no seu aspecto formativo cuja variação correrá de acordo com o local da cidade onde a favela foi constituída e construída por seus habitantes.

Essa compreensão homogênea da favela não é fruto do acaso, ela vem sendo entendida desta forma através da literatura, da imprensa e até mesmo por parte da academia, não obstante, essa forma de entender esse espaço acaba por marginalizar e tratar os seus habitantes de forma caricatural. A favela e seus habitantes passam então a carregar o estigma

do “favelado”, daquele que não está sujeito às leis e às regras, são por muitas vezes vistos como cidadãos de segunda classe, sem direito a contribuir com o desenvolvimento da cidade e de frequentar os seus diferentes lugares.

Mas como surgiu esta ideia de favela? Onde começou exatamente esta compreensão da favela enquanto espaço desordenado e tomado apenas pela informalidade?

Consideramos que a construção da imagem da favela possui um “mito fundador”, cuja origem remete ao século XX. Valladares (2015) defende que as representações sobre este espaço são tributárias daquelas desenvolvidas durante as décadas iniciais do referido século, dessa forma, é durante as décadas de 1910 e 1920 que devemos procurar as chaves para compreender como este fenômeno tem sido retratado.

Segundo a autora, o livro “Os Sertões” de autoria de Euclides da Cunha⁶ seria o marco para compreendermos a origem da ideia de favela, uma vez que é a partir desta seminal obra que a intelectualidade brasileira da época passa a utilizar o conteúdo desta publicação como inspiração para caracterizar este espaço urbano do então Distrito Federal que começava a crescer e chamar a atenção. Nesse caso, é interessante notar que é a literatura quem começa a influenciar a percepção do espaço urbano antes mesmo das ciências sociais e das possibilidades de pesquisa que com ela se engendram.

Podemos citar como exemplo a publicação de Luís Edmundo, publicada em 1938, em que o autor relata o Rio de Janeiro da época. É emblemática a sua descrição do Morro do Santo Antônio, bem como de seus moradores, compreendidos da seguinte forma:

[...] as moradas são, em grande maioria, feitas de improviso, de sobras e de farrapos, andrajosas e tristes como seus moradores.

Por elas vivem mendigos, os autênticos, quando não se vão instalar pelas hospedagem da rua da Misericórdia, capoeiras, malandros, vagabundos de toda sorte: mulheres sem arrimo de parentes, velhos dos que já não podem mais trabalhar, criança, enjeitados em meio à gente válida, porém o que é pior, sem ajuda de trabalho, verdadeiros desprezados da sorte, esquecidos de Deus (EDMUNDO, 1938, p.46).

⁶ Euclides da Cunha foi um dos mais importantes e controversos escritores da literatura brasileira, sendo conhecido por compreender como poucos o Brasil daquela época. Ainda na Escola Militar da Praia Vermelha, durante a época do império, foi expulso da instituição após visita do então ministro da Guerra, Tomás Coelho. Euclides havia combinado com outros jovens oficiais que também aderiram as ideias republicanas de desacatar o ministro publicamente, entretanto, na hora combinada, apenas Euclides da Cunha manifestou-se, este abandonou as fileiras, quebrou a espada e jogou-a aos pés do ministro. No que diz respeito a Canudos é importante sinalizar que em 1897 Euclides da Cunha começou a apresentar interesse sobre a campanha que ocorria na localidade, chegando a escrever dois artigos para o “O Estado de São Paulo”, sendo convidado a posteriori para atuar como correspondente neste local, sua grande obra “Os Sertões” foi publicada em 1902.

Nesse caso, a analogia com Canudos fica presente quando, tanto no sertão quanto no Rio de Janeiro, somente se chega ao alto do morro após longa jornada, devem ser enfrentados espaços de difícil acesso para que o viajante enfim consiga chegar no local desconhecido. Também é latente a descrição do quadro de miséria, o que nos leva a concordar com Valladares (2005) quando esta afirma que os cronistas, quando descreviam os novos bairros miseráveis da capital da República, queriam mostrar que de alguma forma o sertão estava presente neles.

Podemos compreender melhor essa analogia quando verificamos algumas das descrições estabelecidas por Euclides da Cunha ao abordar Canudos e especificamente a Favela, pois segundo o autor:

E no primeiro momento, antes que o olhar pudesse acomodar-se aquele monte de casebres, presos em rede inextricável de becos estreitíssimos e dizendo em parte para a grande praça onde se fronteavam as igrejas, o observador tinha a impressão de topar, inesperadamente, uma cidade vasta. (CUNHA, 1953, p.256).

Dessa forma, entendemos que este mito fundador⁷ permanece como marco nas análises e considerações sobre estes locais, entretanto outros aspectos também colaboram para o estigma criado em torno da favela e a forma como são retratados os seus moradores e as teias de relações que são tecidas por eles.

Além da comparação existente entre Canudos e a Favela, devemos considerar que principalmente a partir dos anos 1920 um outro aspecto começa a emergir quando a Favela passa a ser vista como o local de avanço de epidemias, logo, a saúde da população e uma pretensa preocupação com o bem-estar dos habitantes da cidade passam a servir como mote para uma descrição da Favela como lugar insalubre, de pouco asseio, cujos habitantes eram considerados como sendo seres de segunda categoria.

Os médicos higienistas, em seus estudos sobre os agentes desencadeadores de epidemias, atribuíram a contaminação do meio urbano aos miasmas da cidade. Pareceu, então, natural a representação da favela retomar a ideia de doença, mal contagioso, patologia social a ser combatida. Para isso as moradias deveriam ser salubres, submetidas com rigor às regras de higiene, circulação de luz e ar para poder usufruir de uma atmosfera sadia (VALLADARES, 2015, p.40).

Para além dessa questão, outro ponto merece destaque: é interessante notar como a associação com a violência é uma tônica quando o assunto é Favela, podemos observar, já

⁷ Valladares (2015) assinala que a obra de Euclides da Cunha é posterior ao momento em que o morro da providência foi rebatizado como morro da favela, entretanto a autora assinala que esta palavra não teria conhecido a posteridade que conheceu, sem as imagens fortes e marcantes transmitidas através de Os Sertões.

no início do século XX, que esta era tratada como um lugar de “delinquentes”, “foras da lei” e “arruaceiros”, fato que também contribuiu para o estigma criado sobre a sua população.

Um bom exemplo é a reportagem do Jornal do Brasil, mais precisamente do ano de 1920, em sua edição de número 105, ao citar um crime cometido por um ajudante de carroceiro, cujo nome era Delphim de Oliveira Melo, também conhecido como “Bodinho”, contra a sua antiga companheira. O jornal retrata o morro da favela da seguinte maneira:

Aos poucos a favela vae ressurgindo no noticiário policial de onde estivera por algum tempo afastada. Aquele manancial de crimes parece haver caído na letargia e que os seus figurantes se tivessem morigerado. Puro engano. Eles haviam apenas entrado num período de férias, voltando com mais furor a reconquistar uma posição de destaque no cadastro da Polícia. (JORNAL DO BRASIL, 1920, p. 9).

Assim, de forma paulatina, foi forjado um consenso em torno da favela, tratando-a como um problema, problema este que deveria ser extirpado da cidade o quanto antes. Tanto a sua localização geográfica quanto os seus moradores⁸ apresentavam empecilhos para a construção de um espaço nos moldes europeus, cuja perspectiva era a da modernidade e da organização.

Em todo caso, é necessário considerar que as análises sobre as Favelas, sobretudo aquelas situadas ao longo do século XX, têm privilegiado os espaços urbanos situados nas áreas centrais da cidade do Rio de Janeiro e na Zona Sul carioca fato que nos trouxe a seguinte indagação: e a Zona Oeste? Quais são os estudos que proporcionaram uma maior compreensão desta região da cidade? E as favelas que foram criadas ao longo do seu território? Procurando responder, ainda que de forma não definitiva, a essas indagações, resolvemos investigar o processo de criação da Favela Jardim Batan, situada no bairro de Realengo – Rio de Janeiro.

Objetivo da Pesquisa

Segundo Leite (2015), os objetivos sintetizam “aquilo que se quer alcançar com a elaboração e execução de um projeto de pesquisa”, sendo que o objetivo geral se refere a uma visão global e abrangente de determinado problema. No caso específico da pesquisa aqui proposta, nosso intuito foi o de investigar o processo de criação da favela Jardim Batan situada na Zona Oeste do Rio de Janeiro.

⁸ A edição número 122 do Jornal do Brasil do ano de 1920 traz uma sessão intitulada “As aventuras de Motta e Chefe”, tratava-se de contos que eram publicados regularmente neste jornal. Mais precisamente nesta edição foi apresentada a visita desses personagens ao morro da favela, o lugar é descrito por eles como algo que acoita o que o Rio de Janeiro possui como mais “vil”, onde se encontram “facínoras de meter medo”.

Metodologia

Este estudo pretendeu resgatar o processo de criação de uma favela situada na Zona Oeste do Rio de Janeiro, fato que por si só leva o pesquisador a optar por uma série de procedimentos metodológicos que auxiliem no alcance do seu objeto de pesquisa, uma vez que a literatura tem privilegiado territórios que nasceram e construíram seu ulterior desenvolvimento nas regiões do centro e da Zona Sul do Rio de Janeiro. No caso específico da inquietação aqui apresentada, optamos pela metodologia intitulada história oral, uma vez que, através de uma série de estudos preliminares, verificamos a escassez de fontes documentais sobre a origem do Jardim Batan. Segundo Portelli (2010), a história oral somente pode tomar forma a partir de um encontro causado pela pesquisa de campo, havendo a necessidade de organização do material por parte do pesquisador. Entende-se que a história oral não pode ser um fim em si mesmo, mas que esta modalidade visa, através dos resultados colhidos, a produção de “um outro texto”, explorando setores e aspectos da vida do entrevistado que geralmente não são mencionados quando ele conta histórias dentro do seu círculo imediato. Assim, nossa investigação privilegiou o resgate da memória dessa localidade através de entrevistas com os seus moradores mais antigos.

Para efeito deste trabalho foram escolhidos ao todo dez moradores que residem no local há pelo menos 69 anos. É importante salientar que os membros da Associação de Moradores do Jardim Batan foram importantes parceiros no sentido de identificação dos participantes da pesquisa.

III. RESULTADOS

A pesquisa de campo foi realizada entre os meses de novembro e dezembro de 2018, a partir dos seus resultados foi possível descobrir parte importante da história do Jardim Batan. No que diz respeito à chegada dos moradores ao Jardim Batan, foram verificados dois marcos importantes: um primeiro momento na década de 1940, com a formação de um centro espírita, e um segundo momento na década de 1970, com a venda de lotes por parte de um comerciante da região. Registramos abaixo algumas falas importantes:

Eu nasci em Marechal Hermes [...] O centro espírita está aqui desde 1940 e pouco, era do Herivelto Martins⁹, grande compositor que já faleceu, foi ele quem fez o centro, foi uma promessa que ele fez, o pessoal que morava perto e era muito pobre não tinha nada e ele dava roupas [...] Meu pai pagava todo mês uma mulher que dizia que era dona e ele acabou dando todos os documentos para o seu Herivelto. (Entrevistada 1).

⁹ Herivelto Martins foi um importante compositor brasileiro, sendo conhecido como criador do famoso conjunto “Trio de Ouro”

Vim morar aqui em 1973, morava em Minas e não queria mais morar de aluguel, daí comprei o terreno, boa parte dos terrenos aqui eram do “Espinha”. (Entrevistada 2).

Não lembro o valor do terreno, mas paguei barato [...] foi em 1970, conheci minha esposa em Niterói e posteriormente fui morar no Batan, o terreno foi comprado com o senhor Joaquim Espinha¹⁰ (Entrevistado 3).

A recordação dos moradores traz aspectos importantes para reflexão, o primeiro deles é a consideração de que o processo de construção desta favela específica não obedece diretamente a uma vinculação com o local de trabalho, diferente das favelas da região central/zona sul, conforme assinalado em importantes reflexões como a de Valladares (2015) e Gonçalves (2013). Todavia, pensando a cidade em um sentido mais amplo, concordamos aqui com Maricato (2015) quando a autora assinala que a classe trabalhadora vislumbra a cidade enquanto um valor de uso, uma vez que seus membros buscam moradia e serviços de maior qualidade, todavia o capital irá sempre vislumbrar esta mesma cidade enquanto valor de troca e como possibilidade de negócio.

É justamente a busca da cidade enquanto um valor de uso a partir da procura incessante dos moradores por lugares mais baratos para viver que se configura enquanto elemento importante da formação de localidades como a do Jardim Batan. Neste caso, trazemos também a reflexão sobre a categoria espaço, autores como Harvey (2014) compreendem que é preciso compreender como as diferentes classes sociais se posicionam neste mesmo espaço, trazendo à tona processos que vão do conflito aberto a negociações, do conformismo à resistência, sendo imprescindível a mediação do Estado. Dessa forma, o próprio domínio do espaço acaba por refletir o modo como grupos de poder dominam a sua organização, neste caso, são utilizadas estratégias que variam de recursos legais a extralegais, exercendo maior grau de controle sobre determinada unidade territorial.

IV. CONCLUSÃO

Mergulhar no cotidiano de uma favela requer um processo anterior de preparação que vai do contato com as suas lideranças, passando pela leitura e reflexão sobre as obras que darão sustentação à pesquisa, até o mapeamento dos seus principais territórios. Naquilo que diz respeito à Zona Oeste do Rio de Janeiro, esse processo requer atenção redobrada, pois, apesar de ser retratada em obras como a de Mansur (2011), ainda verifica-se a necessidade de maior produção sobre esse espaço urbano específico; isso se estende às favelas, uma vez

¹⁰ Ainda segundo as fontes ouvidas, Espinha também foi o nome de um motel muito famoso situado na entrada do Jardim Batan às margens da Avenida Brasil. Este motel hoje em dia encontra-se desativado e foi ocupado por cerca de 20 famílias oriundas de diversas partes do Rio de Janeiro.

que estas fazem parte do cotidiano da cidade e dos bairros que vão de Deodoro a Sepetiba. Entendemos também que a pesquisa sobre este território deve considerar dois fatores: a ruptura com a dicotomia favela-asfalto e a consideração das particularidades específicas de cada favela, sendo mais apropriado, portanto, falar de favelas (no plural), conforme assinala Valladares (2015), estes fatores, no entanto, não devem ser compreendidos isoladamente, mas de forma articulada e complementar, pensando as favelas enquanto parte constitutiva das tramas que se desenvolvem na cidade, sendo fruto do seu desenvolvimento desigual e, ao mesmo tempo, como espaço que faz parte do todo e que expressa modos de vida que ora reproduzem modelos hegemônicos, ora os desconstróem. Também se faz mister entender que cada favela possui características próprias e que devem ser compreendidas a fundo quando for objeto de qualquer pesquisa.

O resultado da pesquisa aqui apresentado é apenas uma parte do relatório apresentado à Universidade que financiou esta ação e aos moradores do Jardim Batan. O rico processo desenvolvido ao longo do segundo semestre de 2018 trouxe novas indagações que deverão ser estudadas a posteriori, dentre as quais podemos citar: Como a comunidade lida com o fim da UPP? Como seus membros percebem a fundo a relação Favela-Estado? Entendendo que o processo de construção de conhecimento é contínuo, pretendemos continuar com o processo de pesquisa para os próximos semestres, estendendo-o inclusive a outras favelas da região.

REFERÊNCIAS

ALVITO. Marcos; ZALUAR. Alba. (orgs.) **Um século de Favela**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

BIENENSTEIN. Glauco; BIENENSTEIN. Regina; SOUZA. Daniel Mendes Mesquita. (orgs.) **Universidade e luta pela moradia**. Rio de Janeiro: Consequência editora. 2017.

CUNHA. Euclides. **Os sertões**. São Paulo: Círculo do livro. 1953.

DUARTE. Ana; RIBEIRO. Perry. **Minhas duas estrelas**: uma vida com meus pais Dalva de Oliveira e Herivelto Martins. São Paulo: Globo, 2009.

EDMUNDO. Luiz. **O Rio de Janeiro do meu tempo**. Rio de Janeiro: Conquista, 1957.

FERREIRA. Alvaro; MATTOS. Regina Célia (orgs.). **O espaço e a metropolização**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017.

GONÇALVES. Rafael Soares. **Favelas do Rio de Janeiro**: História e Direito. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2013.

HARVEY. David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

LEFEBVRE. Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LEITE. Francisco Tarcísio. **Metodologia Científica, métodos e técnicas de pesquisa**. São Paulo: Ideias & Ideias, 2008.

VALLADARES. Licia do Prado. **A invenção da favela. Do mito de origem a favela.com**. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2005.

MANSUR, André Luís. **O velho oeste carioca: Mais histórias da ocupação da Zona Oeste do Rio de Janeiro**. Vol. II. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2011.

MARICATO. Hermínia. **Para entender a crise urbana**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

NO MORRO da Favella. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 3 mai. 1920. As aventuras de Motta & Chefe. p.11. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_04&pasta=ano%20192&pesq=favela. Acesso em: 5 abr. 2019.

PANORAMA dos territórios. **UPP/Batan -2017**. Instituto Pereira Passos. Disponível em: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/website/Output/UPP/Panoramas/1%20Panorama%20dos%20Territ+%C2%A6rios%20-%20UPP%20Batan.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2019.

PORTELLI. Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

SANGUE na Favella. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 abr. 1920. Na Polícia e nas ruas, p.8. Disponível em: http://http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_04&pasta=ano%20192&pesq=favela. Acesso em: 5 abr. 2019.